

“Política de quarentena”, diz...

por Ottoni Fernandes Jr.
de Paris
(Continuação da 1ª página)

semana, para proteger os preços desta commodity, relatou Seixas Correa.

Hoje, às oito da manhã, o presidente Sarney reuniu-se com Salinas e com os presidentes Julio Sanguinetti, do Uruguai, e Carlos André Pérez, da Venezuela, na tentativa de fechar posições comuns quanto à dívida externa, nos diversos contatos bilaterais que ocorrerão durante as festividades da comemoração do bicentenário da Revolução Francesa.

A propósito de saudar o presidente francês, François Mitterrand, Sarney lhe enviou em 26 de junho, uma carta de seis páginas em que figura o seguinte trecho: “Não seria exagero afirmar que a Revolução Francesa ainda está para fazer-se no plano internacional. As desigualdades entre as nações se acentuam, à medida que um grupo reduzido de países acelera suas conquistas materiais e intelectuais, enquanto a imensa maioria da humanidade se debate em meio à pobreza e carências fundamentais”.

Amanhã, no fim da tarde, Sarney se reunirá com o primeiro-ministro da Índia, Rajiv Gandhi, no hotel Saint James. A intenção, esclareceu o presidente Sarney, “é procurar estreitar a cooperação técnica, científica e comercial com a Índia, para que cada país possa diminuir sua dependência em relação aos países mais desenvolvidos”. Embora não exista uma agenda formal, a questão das possíveis relações comerciais pelos Estados Unidos fará parte da conversação. Brasil, In-

dia e Japão são países ameaçados de sofrer sanções previstas na lei de comércio exterior norte-americana.

Outro dos contatos diplomáticos possível, nesta estada do presidente Sarney em Paris, é com o chanceler Helmut Kohl, da Alemanha Ocidental, previsto para a sexta-feira pelos diplomatas do Itamaraty.

A diplomacia brasileira não espera resultados muito concretos desses contatos. Enfim, como reconhece o próprio presidente Sarney, a iniciativa na questão da dívida externa ficará para o próximo presidente.

Mas, a reunião de cúpula das sete nações mais desenvolvidas, neste final de semana, em Paris, trará novidades. O governo norte-americano pressiona os bancos para que cheguem a um acordo sobre a redução da dívida mexicana. O presidente Bush deverá formalizar o anúncio do perdão da dívida dos países do subSahara para com o governo americano. O primeiro-ministro Sosuke Uno, do Japão, deverá anunciar um novo programa de ajuda aos países pobres, envolvendo mais 43 bilhões de dólares, dos quais 5,5 bilhões seriam destinados a um fundo para reduzir as dívidas externas dos países mais pobres, dentro da proposta formulada pelo secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, no início do ano.

A diplomacia brasileira encara, porém, com ceticismo qualquer anúncio de um programa global, dos Sete Grandes, para resolver a crise da dívida externa. Até porque não interessaria a muitos deles entregar este trunfo, numa festa convocada pelo presidente Mitterrand.

“Política de quarentena”, diz Sarney

por Ottoni Fernandes Jr.
de Paris

“A minha impressão é de que os organismos internacionais de crédito e os bancos credores estão adotando uma política de quarentena em relação aos países em final do governo.” Esta declaração, feita ontem, em Paris, pelo presidente José Sarney a este jornal, é a justificativa para a decisão do governo brasileiro de centralizar as remessas cambiais, adotada no mês passado.

“Tomei a decisão necessária para proteger as reservas cambiais brasileiras, de forma que o próximo presidente da República tenha condições de fazer uma renegociação da dívida externa favorável aos interesses nacionais”, disse o presidente Sarney, na suíte presidencial do hotel Saint James.

Segundo o presidente Sarney, o nível atual das reservas em moeda estrangeira controladas pelo Banco Central seria suficiente para honrar os compromissos da dívida externa, mas



José Sarney

deixariam pouca margem de manobra para seu sucessor enfrentar a questão da dívida.

Atualmente, o nível das reservas está em US\$ 5,6 bilhões. Apenas os compromissos com o pagamento aos bancos privados somam US\$ 3,7 bilhões, em setembro. Com a parcela a pagar, de US\$ 812 milhões aos países credores, reunidos no Clube de Paris, já em atraso, as reservas cairiam muito abaixo do nível de segurança.

A assessoria direta do presidente Sarney sabe que será muito difícil conseguir, a curto prazo, chegar a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), abrindo o sinal verde para os desembolsos do próprio FMI e do Banco Mundial.

Para a assessoria presidencial, a própria renegociação da dívida mexicana, em curso atualmente, na busca de uma redução em seu valor, é encarada como um caso particular. “O governo mexicano apenas começou um novo mandato e está envolvido numa relação muito especial com os Estados Unidos”, declarou ontem um assessor presidencial.

Em todo caso, o presidente Sarney teve um encontro com seu colega do México, Carlos Salinas de Gortari, no final da tarde de ontem, no elegante hotel George V, em Paris. Conversaram durante meia hora sobre dívida externa, preços internacionais do café e sobre a crise no Panamá, segundo relatou o embaixador Luis Filipe Seixas Correa, assessor internacional do presidente Sarney.

Salinas forneceu informações sobre o estágio das negociações com os bancos credores. Ambos concordaram que qualquer acordo com os credores tem de estar subordinado a três condições: redução do valor da dívida global, diminuição das taxas de juros sobre a dívida remanescente e a garantia de novos empréstimos aos países devedores.

Quanto aos preços do café no mercado internacional (ver página 17), ambos os presidentes acertaram que deverá ser promovido um encontro, através dos ministérios das Relações Exteriores, se possível em conjunto com a Colômbia, já na próxima

(Continua na página 6)

O primeiro-ministro japonês, Souseke Uno, deverá anunciar em Paris a prorrogação, por mais dois anos, do atual programa de reciclagem dos superávits comerciais do Japão com os países em desenvolvimento. O novo plano prevê um reforço de mais US\$ 35 bilhões nos US\$ 30 bilhões emprestados que hoje são repassados a juros baixos.

(Ver página 2)